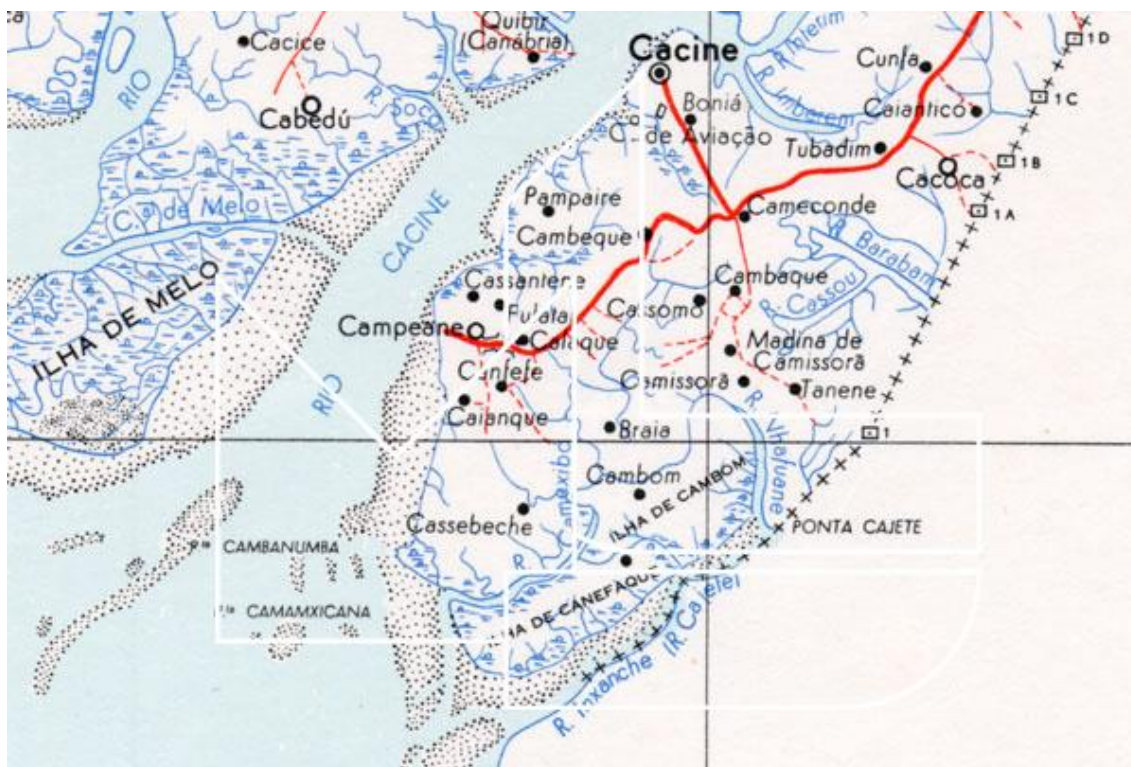


Guileje, e a norte, no rio Cumbijã, as povoações de Bedanda e Cufar, ambas com pistas de aviação.

Em baixo, a barra do rio Cacine, a povoação onde existiu um aquartelamento com um grupo em Cameconde, a cerca de oito quilómetros, as povoações de Cabedú e Cacoca e as ilhas da Canefaque e Cambom cortornadas pelos rios, Camexibó, Nhafuane e Inxanche, este último fronteira natural com a Guiné Conakry.



Havia o propósito claro de o PAIGC vir a utilizá-las no transporte de armas, munições, pessoal e abastecimentos a partir das bases de Kadigné, Sansalé e Kandiafara, instaladas na Guiné Conakry, na região de Boké, para lá da fronteira sul do nosso território.

Kandiafara representava como que uma testa de ponte para o início do apelidado "Corredor de Guileje".

À época, a ainda não existência de cartas hidrográficas dos rios Cacine e Cumbijã dificultava qualquer tipo de acção naquela zona pelo que decidiu o Comando de Defesa Marítima da Guiné efectuar o reconhecimento prévio.

Para isso socorreu-se da presença do NH «*Pedro Nunes*» na área que se encontrava a efectuar trabalhos hidrográficos na barra do rio Cacine e que, com

apoio do radar, conduziu a navegação da LDM 305 na entrada do rio Camexibó, com a guarnição reforçada com elementos da Companhia de Fuzileiros n.º 3.

A 26 de Fevereiro de 1964, praticamente na preia-mar e sem bandeira, a lancha entrou naquele rio surpreendendo, quase de seguida, nas margens, um grupo inimigo a curta distância. Depois de breve troca de vozes à distância, e antecipando-se, a lancha abriu fogo sobre a margem. O grupo abandonou o local deixando várias baixas no terreno.

Depois de continuar a progressão para montante, já de bandeira içada, verificou-se ser possível contornar as ilhas de Canefaque e Cambom com uma embarcação do tipo LDM, utilizando os rios Camexibó, Nhafuane e Inxanche.

No dia seguinte, aquando do regresso, na aproximação à foz, com a maré próxima do estófo da baixa-mar, foi a lancha defrontada com a existência de uma saliência rochosa impeditiva da saída. A necessidade de aguardar pela enchente com melhores condições de maré, deu tempo a que fosse montada violenta emboscada das duas margens a que a guarnição respondeu com todo o armamento, rechaçando o ataque.

Após mais alguns confrontos e a destruição de várias canoas foi efectuado o regresso a Bissau, em 1 de Março, com a certeza de que o inimigo estava muito bem armado na zona e que podia progredir para Cassumba, Cassantene e Campeane sem ter de utilizar o rio Cacine. Podia efectuar todo o tipo de abastecimentos a partir do interior da Guiné Conakry utilizando, para o transporte, aquele curso de água fronteiriço, o rio Inxanche.

Depois de análise detalhada das informações disponíveis, de fotografia aérea da zona e dos levantamentos hidrográficos efectuados até à data, foi decidido pelo CDMG lançar a operação de nome de código «Hitler», comandada pelo 1TEN Alpoim Calvão do DFE 8.

Numa primeira tentativa, a 30 de Abril de 1964 largaram de Bissau para a marca Samba, na foz do rio Cacine, a LFG “*Dragão*” e as LDM’s 304 e 306. Foram montar emboscadas no rio Nhafuane, com pessoal num ilhéu, complementadas com botes junto á base de Kadigné.

Era objectivo a intercepção de qualquer embarcação que demandasse aquele rio para montante, visando o transporte de armas e pessoal para, através das ilhas de Cambom e Canefaque, cambarem para as zonas de Campeane, Cassumba, Cassebeche e Cassantene sem recorrerem ao rio Cacine.

O grupo era comandado pelo STEN FZE RN Abel Machado de Oliveira, do 5.º CEORN que ficaria emboscado no ilhéu. Em 1 de Maio, já noite fechada, foi ali desembarcado pela LDM 306 que, além de material de combate, levava também material de distracção diverso, livros e revistas. Com uma espera a adivinhar-se longa era necessário passar o tempo.

Na ida para montante a lancha foi flagelada e, depois de largar pessoal e material, inverteu rumo com dificuldade devido à escassa largura do rio, já no regresso, foi novamente atacada, de ambas as vezes sem consequências.

As condições de permanência ali eram, só por si, extremamente agrestes. A amplitude de marés e o início da estação das chuvas obrigavam a que o pessoal se mantivesse empoleirado na vegetação com metro meio de altura de água na preia-mar.

No dia 5, a impossibilidade de posicionar botes na proximidade de Kadigné e as informações negativas recolhidas de um prisioneiro sobre eventual tráfego do PAIGC na zona levaram, no conjunto, a cancelar a operação e adiá-la para dia 15, montando o mesmo dispositivo.

Desta feita, com tornados eminentes, as condições tornaram-se ainda piores e o navio de apoio, a LFP “*Canopus*”, via-se em palpos de aranha para aguentar a mareta sem garrar. Alpoim Calvão decidiu-se pela retirada.



STEN RN Abel Fernando Machado de Oliveira - 5.º CEORN

Medalha da Cruz de Guerra de 3.ª classe

O STEN FZE RN Abel Fernando Machado de Oliveira foi atingido por um estilhaço, ficando gravemente ferido na cabeça o que obrigou à sua evacuação. Veio a ser agraciado com a Medalha da Cruz de Guerra de 3.ª classe.

A LDM 306 recolheu o exausto pessoal confinado ao ilhéu do rio Nhafuane e, depois de uma difícil manobra de inversão, iniciou o percurso ascendente. Ainda bem longe da foz, com tempo e bem preparado, o inimigo tinha posicionado em ambas as margens um corredor de fogo superior a duas milhas, com armamento ligeiro, metralhadoras pesadas e morteiro.

A guarnição da LDM e reforços, reagiram prontamente com todo o armamento disponível conseguindo ultrapassar com êxito a zona de morte mas sofrendo a lancha 58 impates.

De 4 de Julho

(O/A., 1.ª série, n.º 33, de 15-7-1964)

O subtenente fuzileiro especial da reserva naval Abel Fernando Machado de Oliveira e o cabo IE n.º 13 621, Manuel Gomes da Fonseca, ambos do destacamento de fuzileiros especiais n.º 8, pelas acções e feitos de bravura que praticaram e qualidades reveladas em campanha, foram louvados pelo comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné em sua *Ordem de Serviço* n.º 13, de 6 de Junho de 1964.

Nestes termos :

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Marinha, condecorar :

Com a medalha militar da cruz de guerra de 3.ª classe :

Subtenente fuzileiro especial da reserva naval Abel Fernando Machado de Oliveira ;

nos termos do artigo 10.º do Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, que promulgou o Regulamento da Medalha Militar.

(Não carece de visto ou anotação do Tribunal de Contas).

As operações naquela zona foram suspensas e, apenas cinco anos depois, se regressou operacionalmente àquela área.

Foi Comandante do DFE 8 o 1TEN Guilherme Almor de Alpoim Calvão, seu Imediato o 2TEN José Manuel Malhão Pereira e 3.º Oficial o STEN FZE RN Abel Machado de Oliveira. Este último, ferido em combate, veio a ser substituído pelo 2TEN RN FZE José Luis Couceiro.

Comandava a CF3 o 1TEN Alexandre de Carvalho Wandschneider, era seu Imediato o 1TEN Fernando Bernardino Pinto, ambos dos QP's e os restantes oficiais, os 2TEN FZ RN Manuel Hernâni Barros Gomes de Vallera, 2TEN FZ RN António Fernando Salgado Soares e 2TEN FZ RN Bernardino António Dias de Oliveira, todos do 5.º CEORN, além do STEN MN Fernando Benedito Andres.

Comandava a LFG «Dragão» a 1TEN José Alberto Lopes Carvalheira e era seu Imediato o 2TEN RN Godofredo dos Santos Marques dos Reis.

Comandava a LFP «Canopus» o 2TEN RN Luis Pinto Fernandes Sequeira do 4º CEORN.



Manuel Lema Santos

1TEN RN, 8.º CEORN, 1965/1972

1966/1968 - LFG "Orion" Guiné, Oficial Imediato

1968/1970 - CNC/BNL, Ajudante de Ordens do Comandante Naval

1970/1972 - Estado-Maior da Armada, Oficial Adjunto

Fontes:

Fuzileiros - Factos e Feitos na Guerra de África 1961/74 - Guiné, Luis Sanches de Baêna, 2006; texto compilado de "De Conakry ao M.D.L.P.", Editorial Intervenção, Alpoim Calvão, 1976; fotos de arquivo do autor do blogue; pormenores da Carta da Província da Guiné, Ministério do Ultramar, 1961; Arquivo da Marinha; Anuário da Reserva Naval 1958-1975, Adelino Rodrigues da Costa e Manuel Pinto Machado, Lisboa, 1992; Ordem da Armada 1.ª Série n.º 33 de 17.7.1964;